



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/corpo-linha/>

Corpo-linha-selvagem: uma aposta política perante o Antropoceno

Emanuely Miranda [1]

Editora: Susana Dias

Na união entre artes e ciências, Mariana Vilela concebe o conceito e a prática de Corpo-linha-selvagem

Em tempos de mudanças climáticas e políticas de morte, nossa relação com a terra/Terra se encontra gravemente enfraquecida. Diante desse contexto, como as artes e as ciências podem “se envolver na produção de mundos mais salubres e afirmativos”? Em sua dissertação, defendida pelo programa de Mestrado em Divulgação Científica e Cultural no âmbito do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), com orientação da profa. Dra. Susana Dias, a artista Mariana Vilela tateia respostas para essa pergunta através da criação do conceito-prática Corpo-Linha-Selvagem, dando atenção às práticas de coleta, esguedelho, carda e fiação.

Exercitar a presença

A infância de Mariana se desenrolou à beira de uma máquina de costura. Enquanto sua mãe cosia, emaranhava-se a retalhos e fios. Assim, ainda que sem saber ou tampouco planejar, tramava a si mesma, tornando-se a partir de então. Quando cresceu, veio a ser artista-artesã-pesquisadora. Dedicada a práticas como a performance e a fiação, enveredou-se pela pesquisa se desafiando a ativar dimensões amorosas, selvagens, relacionais e eróticas nas ciências, a fim de criar mundos possíveis e potentes diante do tempo que experimentamos chamar de Antropoceno. No dia 5 de fevereiro de 2024, formou-se mestra defendendo a dissertação intitulada “Corpo-Linha-Selvagem, um modo de fiar com uma terra viva”.

Em sua pesquisa, trouxe as muitas que lhe atravessam e lhe acompanham. Desde a introdução, demarcou cuidadosamente seu lugar de fala, que trafega entre artes e ciências com a liberdade de



ir e vir, e fez questão de afirmá-lo como importante para tudo que escreveu. Ao se colocar inteira em sua dissertação, não reproduziu uma lógica individual de encerramento em si mesma. Sua intenção foi, por outro lado, engajar seu corpo em “estado aberto, ampliado e criativo” como parte de seus procedimentos.

No entanto, não se trata apenas do corpo de Mariana, que escreveu. Trata-se também do corpo de quem leu, lê ou lerá. Em certo momento do texto, dirige-se à leitora e reivindica sua inteireza. “Te quero comigo em presença” (VILELA, 2024, p. 24). Talvez, a primeira contribuição da pesquisadora para pensar o Antropoceno e fiar com a terra seja exatamente essa: o chamado à presença, com o corpo todo, relacionando-se. É preciso estar aqui e, não obstante, *estar com*.

Aliançar-se cosmicamente

Mariana escolheu estar com as linhas, demorar-se com elas e pensar em torno daquilo que mobilizam. Para ela, as “linhas visíveis e invisíveis”, assim como as “linhas tangíveis e intangíveis”, são miríades que concebem mundos. Nesse caso, faz-se necessário nos percebermos como um emaranhamento cósmico entre seres e forças que se fiam uns aos outros.

Foi partindo daí que desenvolveu o conceito-prática Corpo-Linha-Selvagem. Conforme explica, o hífen está entre as palavras com a intenção de costurá-las e torná-las uma só. Ao unir o conceito à prática, a pesquisadora tentou escapar das oposições entre pólos. Em tempos tão saturados por binarismos e hierarquias, o gesto de conectar muito importa. Mariana assumiu o compromisso político, poético e estético de performá-lo.

Mariana é integrante do grupo de multiTÃO- prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações, cujos estudos dialogam com ontoepistemologias e metodologias de filósofos/as/es como Donna Haraway (2021, 2023). Escritora dos livros *O manifesto das espécies companheiras e Seguir com o problema*, ela aposta nos hífen assim como Mariana e sugere pensarmos em naturezas-culturas em vez de naturezas X culturas ou naturezas e culturas. Nesse sentido, nos convoca para vivermos e pensarmos na companhia de outros seres.

De acordo com Mariana, não basta nos atentarmos à multiplicidade de seres, precisamos sobretudo nos engajarmos verdadeiramente em conexões para além do que chamamos convencionalmente de humanidade. “Este trabalho aposta em relações multiespécies que atestam o humane como apenas mais uma das linhas desta rede cósmica”, explica.



Mobilizar o encontro entre heterogêneos é um ato político que faz frente a esta era e que chega não apenas pela filosofia de Haraway, mas também pela filosofia de Nego Bispo (2023). É ele quem traz a força de uma palavra norteadora para os movimentos que Mariana experimentou e estimulou: confluência.

Ativar o selvagem

No livro *A Terra dá, A Terra quer*, Bispo (2023) cita o caso dos rios que se encontram, se tornam muitos, rendem e se tornam mais fortes exatamente por estarem juntos. O fluxo de suas águas percorre o caminho de uma linha, que não se dá reta, mas dá voltas e se emaranha, se embola. Dessa forma, eles seguem um percurso vital, orgânico e irrevogavelmente selvagem.

Mariana conta que a noção de selvagem chegou devagar à sua pesquisa e trouxe as problemáticas juntamente consigo. Não houve como escapar delas. Foi preciso encará-las de frente. Afinal, trata-se de uma palavra demasiadamente desgastada e espinhosa. Por muito tempo, foi instrumentalizada para demarcar fronteiras e fazer separações intransponíveis entre povo, seres, coisas e forças. Os colonizadores a usavam para classificar de modo pejorativo os colonizados e, com isso, forçaram a fixação de seu significado. É possível desestabilizá-la após séculos?

Para Krenak (2020), sim. Mariana recorreu ao filósofo indígena a fim de pensar em torno dessa palavra e manuseá-la com responsabilidade. Juntamente com ele, foi esguedelhando a noção, tirando aquilo que não fazia fio e reativando a força que nela há. Conforme Mariana relembra, Krenak (2020) defende que o estado da vida é naturalmente selvagem. De acordo com as palavras da pesquisadora, selvagem diz respeito a como os seres se apresentam em movimento e em afetação, assumindo a crueza e ancestralidade de suas potências e erupcionando as sementes dos futuros.

Apropriar-se da vida implica em se assumir selvagem, abrindo-se aos devires que nos movimentam e dando atenção aos encontros que nos atravessam. *Estar presente* e *estar com* passa necessariamente pela tarefa de ser corpo, ser linha e, não obstante, ser selvagem. Todos juntos, em um só, costurados pelo fio do hífen.

Referências:

HARAWAY. Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. N-1 edições, 2023.



HARAWAY. Donna. **O Manifesto das Espécies Companheiras**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. Ubu edições. 2023

VILELA, Mariana. **Corpo-linha-selvagem, um modo de fiar com uma terra viva**. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. p. 111, 2024.

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da *ClimaCom*, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa | multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com